

Ciência burocrática

Franklin Rumjanek

Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro
franklin@bioqmed.ufrj.br



Para fazer ciência no laboratório não basta ter uma boa idéia. É preciso dinheiro – muito dinheiro – para comprar equipamentos e reagentes e cobrir outras despesas (importação, reparo, manutenção etc.). Em geral, o financiamento para tais projetos é obtido de agências nacionais de fomento, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e fundações estaduais de amparo à pesquisa (Faperj, Fapesp etc.), ou de agências internacionais, como a Organização Mundial da Saúde, a Comunidade Européia e tantas outras. No entanto, não é fácil conseguir esse auxílio.

Essencialmente, o processo é competitivo. Interessantemente, a proposta científica não parece ser tão importante quanto o perfil do solicitante. Para saber se o postulante tem competência e responsabilidade para desenvolver seu projeto, a agência de fomento se baseia em seu passado acadêmico. O candidato já teve financiamentos anteriores? Conseguiu publicar seus resultados em periódicos de qualidade? E assim por diante. A opinião anônima sobre a competência do solicitante é dada por outro cientista que trabalha em área semelhante àquela do projeto em pauta.

Em princípio, tal processo de seleção pode parecer muito justo, mas em uma situação em que os recursos são limitados, como ocorre no Brasil, as distorções logo aparecem. Uma situação comum é aquela em que vários projetos de alta qualidade são julgados dentro do mesmo edital. Como os recursos são parcos, o comitê assessor tem de tomar uma decisão difícil: optar pelos que são apenas marginalmente ‘melhores’ que os outros concorrentes. Essa ‘escolha de Sofia’ gera nos pesquisadores preteridos, compreensivelmente, um profundo sentimento de rejeição. Além disso, embora objetivamente não represente demérito, na prática acaba por estratificar a comunidade científica: os agraciados e os intocáveis.

Em alguns casos extremos, a frustração estimula vias alternativas. Os integrantes de um laboratório sistematicamente rejeitado pelo sistema, por exemplo, firmaram um pacto segundo o qual todos apostam na loteria e cada um promete que, se ganhar um prêmio, doará parte dele à pesqui-

sa. Eles argumentam que a probabilidade de ganhar na loteria se aproxima da chance atual de conseguir um auxílio oficial brasileiro. É claro que existe aí uma certa distorção probabilística, mas o pacto lotérico ilustra bem o estado de espírito dos pesquisadores.

A tarefa de julgar também não é fácil. Para facilitar o processo, foram criados índices destinados a espelhar, em números, a qualidade dos pesquisadores. Essa avaliação da produção científica toma como parâmetros principalmente o número de trabalhos publicados e a qualidade dos periódicos científicos que os aceitaram. Seguem-se outras notas de menor peso, referentes ao perfil acadêmico do pesquisador, e ao final compõe-se uma tabela que define quem ele(a) é. Gradualmente, essa indexação adquiriu tal popularidade entre os assessores que, hoje, raros são os que de fato lêem os trabalhos científicos dos avaliados. Seria o equivalente a emitir um parecer sobre um escritor levando em conta o número e não o conteúdo de suas obras. Assim, para ser competitivo, o pesquisador precisa preencher *a priori* certos critérios numerológicos de produção intelectual. Por mais original que seja a proposta, sem esses predicados, ela(e) não conseguirá apoio para viabilizar seus experimentos.

Poderíamos concluir que esse sistema de índices ao menos seleciona uma parcela realmente produtiva e de excelência? Não necessariamente. A ‘canga’ dos índices pode induzir os cientistas a simplesmente procurar satisfazer as exigências das agências de fomento, ou seja, publicar n trabalhos em um período de x anos em periódicos de qualidade. Nesse caso, teríamos pesquisadores com boas credenciais, mas tolhidos do ponto de vista filosófico. Não seriam competitivos no cenário internacional. Nesse contexto, obedecidas as normas vigentes no Brasil, o *curriculum vitae* do norte-americano Craig Mello, um dos ganhadores do prêmio Nobel de Medicina de 2006 – a página de busca Pubmed, que lista publicações científicas nas áreas biomédicas na internet (www.pubmed.gov), registra 44 artigos para esse cientista – dificilmente o habilitaria a ganhar auxílio de uma de nossas agências de fomento. ■

A proposta científica não parece ser tão importante quanto o perfil do solicitante